



**OS REFLEXOS DOS TRAUMAS EM CRIANÇAS ABANDONADAS NA
PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE DESENHOS**

**THE REFLECTIONS OF TRAUMA IN ABANDONED CHILDREN FROM
THE PERSPECTIVE OF DRAWING ANALYSIS**

Simone Cristina Silva SIMÕES
Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)
E-mail: simonesimoes@catolicaorione.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-9529-0677>

Glene Suellen Queiroz Saraiva NUNES
Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)
E-mail: glene@catolicadomorieone.edu.br
<https://orcid.org/0009-0009-5916-7386>

Leide Aguiar Araújo VANDERLEI
Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)
E-mail: leide@catolicaorione.edu.br
<https://orcid.org/0009-0007-1308-8418>

Lizandra Alves Bezerra da Silva CARVALHO
Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)
E-mail: lizandra.a.b.silva@catolicaorione.edu.br
<https://orcid.org/0009-0001-2913-5561>

RESUMO

O presente estudo tem como tema abordado os reflexos dos traumas do abandono no relato de crianças em situação de acolhimento, visando compreender os impactos dessa violência através da análise de desenhos. Os reflexos dos traumas em situações de abandono, é um tema pouco abordado, porém relevante, pois se trata de uma violência silenciosa, tendo sua fase ocultada, e suas consequências na saúde mental e física é consideravelmente árdua. Este artigo analisa as faces dos traumas através da interpretação de desenhos infantis de acordo com a Psicologia. Por meio dos desenhos na infância é possível identificar mais do que simples mensagens, existem casos no qual a criança desenha a sua visão em relação ao ambiente em que mora e às pessoas que convive. Destaca-se que o desenho em si é considerado relevante, mas nem sempre

define tudo o que a criança vive. É como uma expressão materializada de desejos e sentimentos que mostram a situação atual da criança.

Palavras-Chave: Abandono. Infância. Traumas. Saúde mental. Violência

ABSTRACT

The present study addresses the reflections of abandonment traumas in the reports of children in foster care, aiming to understand the impacts of this violence through the analysis of drawings. The consequences of trauma in situations of abandonment is a topic that is rarely addressed, but it is relevant, since it is a silent violence, with its hidden phase, and its consequences on mental and physical health are considerably arduous. This article analyzes the faces of trauma through the interpretation of children's drawings according to Psychology. Through drawings in childhood it is possible to identify more than simple messages, there are cases in which the child draws his vision in relation to the environment in which he lives and the people he lives with. It is noteworthy that the drawing itself is considered relevant, but it does not always define everything the child experiences. It is like a materialized expression of desires and feelings that show the current situation of the child.

Keywords: Abandonment. Infancy. Traumas. Mental health. Violence.

INTRODUÇÃO

O respectivo trabalho veio a utilizar a teoria psicanalítica de Melanie Klein, a qual vem a focar as relações de objeto, destacando a importância do ambiente na formação do indivíduo e como seus impulsos e sensações são projetados. Conforme Jung (2019), o inconsciente pessoal de cada pessoa, vem a conter conteúdos reprimidos da consciência, e a análise realizada através deste sujeito leva em consideração tanto o que está consciente quanto o que está inconsciente.

Deste modo, o presente trabalho vem a apresentar possíveis interpretações a respeito de desenhos de crianças as quais foram submetidas a situações de abandono. O presente tema da pesquisa vem a possibilitar um olhar mais analítico para as diversas formas de comunicação e também se apresenta como uma forma de denúncia

social. Logo, se amplia o olhar para as possibilidades que os desenhos podem falar muito mais que palavras. Sendo assim, o objeto de estudo do presente trabalho se apresenta em reconhecer as possibilidades de ações que visam assistir à qualidade de saúde mental de crianças em situação de abandono.

Atualmente a infância que conhecemos, vem a ser um construto o qual envolve aspectos psicológicos, sociais e biológicos. Logo, nesta fase a criança pode obter muitas associações e desenvolvimentos, sendo não só os pais/responsáveis legais, mas também a escola e o meio social modelos para o início de uma construção sócio emocional (LINS, 2014). O significado bem como o conceito de infância pode vir a variar de acordo com o contexto em que o indivíduo está inserido, sendo assim, cada cultura e meio social possui sua própria definição desta fase da vida.

De acordo com Muller e Hassen (2009), a infância é formada por todas as experiências vividas e compartilhadas pela pessoa, vindo a desempenhar um papel fundamental na formação da identidade do sujeito influenciando toda a sua vida adulta. Na mesma linha de pensamento, Lins et al (2014), vem a definir a infância como uma fase que vem a abranger desde o nascimento da pessoa até o início da adolescência, vindo a enfatizar que esta definição não está estritamente relacionada à passagem do tempo, mas sim às experiências únicas de cada pessoa e suas interações com a cultura ao seu redor.

Nessa construção social e psíquica nota-se que o afeto é imprescindível na construção e estruturação da personalidade, contribuindo para o desenvolvimento de um sujeito saudável, e, quando não existe esse suporte afetivo na vida de uma pessoa o mesmo pode vir a obter reflexos traumáticos na vida adulta. Conforme Bairros et al (2011), a falta de afetividade por parte dos pais ou responsável legal, assim como a ausência de uma estrutura familiar sólida durante os primeiros anos de vida, servirá para que essa criança desenvolva mal seu aparelho psíquico e não amadureça emocionalmente bem. E isso pode se agravar ainda mais para os casos de institucionalização infantil, em que a criança têm seus vínculos afetivos quebrados por estar sofrendo algum tipo de violência ou negligência familiar. Contudo, apesar dessa primeira ruptura do vínculo afetivo, ainda é possível que esta criança estabeleça um novo vínculo com os cuidadores, diminuindo assim os impactos psicológicos que essa criança pode enfrentar ao longo de sua vida (GABATZ, 2018).

Para Zavaroni e Viana (2015), é neste período que entram em cena também o que denominamos de traumas, sendo estas situações em que ocorre algo que abala a experiência do sujeito e a força a se adaptar perante situações difíceis. Tais situações podem vir a variar vindo a se apresentar como por exemplo a perda de um ente querido até a separação de um objeto de grande significado, vindo a deixar marcas tanto físicas quanto psicológicas na vida dessas crianças. Rosas e Cionek (2006), nos chama a atenção para olharmos de maneira realista para as estruturas familiares, pois uma estrutura familiar pode não vir a ser o berço de afetividade e boas relações, mas sim o cenário onde traumas e opressões da infância se manifestam, ou seja, nela se constrói e ao tempo desconstrói o mesmo sujeito. A dinâmica familiar desempenha ambos os papéis e, quando abordamos essa segunda faceta, enfrentamos o desafio de desvencilhar essa concepção das amarras culturais que a envolvem.

A opressão é vista muitas vezes por algo cruel, que maltrata, mas é conceituada também como todo e qualquer ato o qual impede a criança de manifestar suas vontades, de explorar a sua curiosidade, isto também pode ser opressivo. Ainda conforme as autoras, torna-se necessário defender o direito constitucional de que crianças e adolescentes tenham de estar salvas de toda forma de violência, crueldade e opressão para terem uma vida digna enquanto pessoas em situação peculiar de desenvolvimento e enquanto seres humanos. A partir das explanações, este artigo tem por objetivo analisar as faces dos traumas através da interpretação de desenhos infantis de acordo com a Psicologia. Tem-se por hipótese que pelos desenhos infantis é possível identificar mais, existindo casos no qual a criança desenha a sua visão em relação ao ambiente em que mora e as pessoas que convive, compreendendo assim, também, aspectos familiares e os contextos sociais, culturais e econômicos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antigamente a infância não era considerada algo relevante, as crianças não eram tratadas da forma que são atualmente, elas eram tratadas como pequenos adultos. Suas atividades eram todas voltadas para o trabalho, servindo apenas como mão de obra barata onde suas opiniões não eram valorizadas. Foi apenas no século XVIII, que se deu início ao pensamento de que a infância é uma fase distinta da vida adulta. Desde então, a forma como vemos as crianças têm evoluído, mudando e aprimorando-se, tendo

como influência principal os moldes culturais, mas também especialmente o ambiente familiar, que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento físico, psicológico e cognitivo das crianças (LINS et al, 2014).

No Brasil, um marco legal de destaque foi a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. O qual vem a preconizar os direitos fundamentais de crianças e adolescentes, com foco na importância do ambiente familiar como alicerce para um desenvolvimento saudável. Deste modo, o ECA vem a garantir direitos essenciais, incluindo acesso à saúde e educação, ao observar que a família não é capaz de prover essas condições, medidas como o acolhimento em lares substitutos são adotadas como forma de proteção aos menores de idade (BRASIL, 1990).

De acordo com a literatura, a ruptura de um vínculo entre criança e cuidador pode vir a gerar significativas dificuldades no percurso da formação de identidade do indivíduo. Podendo ser ainda mais notável essa dificuldade quando a criança é removida de seu ambiente familiar devido a riscos pessoais e sociais, tendo que ser encaminhada para casas de acolhimento, resultando no enfraquecimento dos laços da criança com sua família e contexto de origem (GABATZ et al., 2018). Logo, é possível observar que a criança que enfrenta essa ruptura, também enfrenta desafios em várias esferas de sua vida, afetando seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social, o que por sua vez pode complicar uma possível reintegração familiar. Contudo, é importante salientar que a ruptura vínculo familiar, assim como a troca de cuidadores nas casas de acolhimento, pode causar sofrimento psicológico, impactando não apenas a criança, mas também os cuidadores envolvidos (GABATZ et al., 2018).

Quando se fala em crescimento é de fundamental importância considerar o contexto social, pois, o mesmo vem a desempenhar um papel significativo o qual vem a expor a criança a realidades árduas cujas vivências podem alicerçar aprendizados de desamparo, abandono e violência, por exemplo. Tais vivências podem vir a se enraizar, trazendo a repetição desses mesmos hábitos de padrões prejudiciais. Resultando em adultos emocionalmente frágeis, carregados de memórias reprimidas os tornando suscetíveis a traumas. Logo, é correto afirmar que o ambiente vem a exercer uma grande influência no comportamento infantil, vindo a deixar marcas que podem repercutir por muito tempo na vida adulta. Sendo assim, é na infância que se molda de

maneira duradoura a psique, potencialmente transformando experiências contrárias ao esperado em situações de impacto duradouro (FLORES, 2008; ZAVARONI, 2015).

Analisa-se ainda que de acordo com Flores (2008), os comportamentos adquiridos devido aos traumas psicológicos e físicos, na grande maioria iniciam-se no ventre materno, em casos no qual a mãe sofre abandono, passa necessidade, fome, sofre agressões físicas e psicológicas, rejeição, sustos, tensões entre outras, e que são inconscientemente sentidos pelo 4 feto. Sendo assim o trauma permanece retido em sua memória. Nesse sentido, a angústia da criança causada pelo afastamento gera nela comportamentos que são manifestados em um momento ou outro por motivos do desamparo sofrido ainda no ventre materno.

Infância e trauma

O termo desamparo surgiu dentre os primeiros escritos de Freud em 1895, na obra denominada "Projeto para uma Psicologia Científica". Deste modo, Freud começa a explorar a experiência de satisfação, onde destaca que um recém-nascido depende totalmente de uma assistência externa para poder sobreviver. Desta forma, o vínculo se estabelece entre o bebê e a mãe onde ambos desempenham um papel de suma importância para o desenvolvimento do mesmo. Deste modo, desde os primeiros momentos de vida de uma criança, a sensação de desamparo já começa a se fazer presente, delineando assim a base dessa interação fundamental (1996 apud DE OLIVEIRA, 2014).

Ao longo do percurso do desenvolvimento infantil, é inegável que a presença materna exerça um papel de destaque. A mãe funciona como intérprete de suas ansiedades e medos. Portanto, a mãe usa as informações que são manifestadas pelo bebê e passa a transformá-las, devolvendo-as de forma interpretativa. Assim, uma boa relação e comunicação fazem o bebê se sentir amparado. Em contrapartida, quando a mãe não consegue decifrar com precisão as reais demandas do bebê, uma brecha no tecido emocional pode se abrir, levando o infante a uma condição de desamparo psicológico, onde o apoio essencial parece escasso (DE OLIVEIRA, 2014).

Ao recorrer no dicionário "Aurélio", o termo "desamparo" é cuidadosamente descrito como uma ausência de suporte e a ação de ser deixado à própria sorte (FERREIRA, 2008, p.296). Da mesma forma, dentro do dicionário Enciclopédico

Ilustrado Veja Larousse o explica como uma “condição do que ou de quem está abandonado, sem ajuda material ou moral”. Em colaboração, na lógica psicanalítica, Laplanche e Pontalis (1970, p. 156):

Termo da linguagem comum que na teoria freudiana assume um sentido específico: estado do lactente que, dependendo inteiramente de outrem a satisfação das suas necessidades (sede, fome), se revela impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna. Para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia.

Dentro do enquadramento de uma teoria da angústia, o estado de desamparo surge como um protótipo da situação traumática. Dentro desse contexto, em sua obra "Inibição, sintoma e angústia", Freud vem a identificar uma característica unificadora que se denomina "perigos internos": a qual vem ser a ideia de perda ou separação, que vem a desencadear um aumento gradual na tensão. Logo, quando vem a surgir alguma situação extrema, essa tensão pode vir a se tornar avassaladora, vindo a levar o indivíduo a uma incapacidade de conseguir conter suas excitações, sendo enfim submergido por elas. Deste modo, essa característica que dá origem ao estado gerador do profundo sentimento de desamparo (DE OLIVEIRA et al. 2014).

Para Freud, o desamparo vem a ser um estado ao qual se torna um gerador intrínseco de ansiedade, sendo, como ele explicou, "uma mistura de antecipação de um trauma e sua repetição em uma forma mais suave". Contudo, é de extrema importância notar que a ansiedade apesar de ser uma presença constante, trilha percursos distintos dependendo do contexto, e a raiz da ansiedade está enraizada em diversas origens. Essa ansiedade vem a surgir de forma antecipada, ligada à noção de perigo iminente, onde a mesma se revela como uma expectativa de um evento traumático. No mesmo contexto, ela também tem laços com o trauma que já aconteceu, sendo revivido em uma forma menos intensa (DE OLIVEIRA, 2014).

Seguindo essa sequência, ansiedade-perigo-desamparo como equação do trauma, Freud (1996 apud DE OLIVEIRA, 2014) agora resume o que se disse. A situação de perigo vem a ser reconhecida e porventura lembrada e esperada de desamparo. A ansiedade pode vir a ser entendida como uma resposta que vem a surgir das experiências passadas de perigo e vulnerabilidade em que o sujeito se encontrava. Logo, essas respostas vêm a ressurgir na vida da pessoa quando ela se encontra em

situações percebidas como perigosas, funcionando como um sinal de alerta e um apelo por assistência. O ego, que antes experimentou o trauma de maneira submissa, encontra agora uma forma de recuperar o controle ao reproduzi-lo ativamente, porém em uma forma mais atenuada. Assim, se torna compreensível que as crianças venham a agir dessa forma perante aos estímulos angustiantes que encontram, vindo a transmitir esse padrão através das atividades lúdicas. Conforme fazem essa transição da passividade para a ação, estão buscando exercer controle psicológico sobre suas vivências.

METODOLOGIA

Os desenhos submetidos à análise do respectivo estudo foram obtidos através do estudo nomeado de "Exploring Self-Perceptions of Sheltered Children: A Case Study of Youths Undergoing Family Reintegration", escrito por Bruno Ricardo Trindade Conceição em 2017. Sendo assim, o objetivo central desta pesquisa foi poder aprofundar dentro das discussões sobre as significações de si construídas por crianças abrigadas de uma casa de acolhimento em Feira de Santana, Bahia. As ferramentas investigativas utilizadas abrangeram entrevistas narrativas e desenhos orientados a histórias (CONCEIÇÃO, 2017).

O exame de Conceição (2017) vem a expor as realidades as quais são enfrentadas pelas crianças marcadas por situações de violência familiar e acolhimento institucional. Logo, a análise desses casos vem a delinear perspectivas duplas como: as experiências familiares que carregam as cicatrizes das transgressões e privações de direitos e a convivência dentro dos limites do abrigo. Neste sentido, vieram a ser utilizados desenhos com a temática do Batman, pseudônimo atribuído por Conceição a um dos participantes (2017), para garantir o anonimato da criança ao narrar histórias por meio do meio artístico.

O estudo dos desenhos baseou-se nos fundamentos teóricos de Melanie Klein, a partir das interpretações fornecidas por vários estudiosos. Esta abordagem objetivou se aprofundar através dos métodos e aspectos interpretativos. A interpretação Kleiniana reconhece que é através do brincar que se permite a elaboração de determinadas tramas. Consequentemente, a interpretação já não continua a ser o foco

central de cada sessão; em vez disso, é empregado seletivamente quando seus recursos técnicos se tornam indispensáveis (GOMES; FRANÇA, 2012).

Foram utilizadas também para análise o apoio em alguns pressupostos do teórico Carl G. Jung também por seus comentadores. De acordo com a compreensão obtida, as respostas dos testes aplicados são fortemente vinculadas por um afeto aos conteúdos do inconsciente. Através dos resultados é possível perceber que os padrões fisiológicos na maioria das vezes correspondem a conteúdos psíquicos dotados de forte carga emocional. (PORTELA, 2013) os desenhos retirados do artigo, foram Figura 1. Desenho de Batman "Coisas que gosto e coisas que não gosto", Figura 2. Desenho de Batman "O menino que voltou a morar com os pais" e Figura 3. Desenho de Batman "Conversando com Deus" (CONCEIÇÃO, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, insta mencionar acerca de Freud, que como já asseverado acima o sentimento de desamparo já é sentido pela criança logo ao nascer sendo que a ansiedade é a reação original ao desamparo no trauma, sendo reproduzida depois da situação de perigo como sinal em busca de ajuda Freud (1996 apud DE OLIVEIRA, 2014). De toda maneira esse autor ainda elucida que a criança necessita de ajuda do outro para sua sobrevivência, tendo em vista que ao perder o amor do outro se inicia a angústia do abandono. A noção de desamparo é percebida como uma condição intrínseca que acompanha o ser humano ao longo de toda a sua vida, representando um sentimento fundamental que contribui para a estruturação da sua experiência (FREUD, 1996 apud DE OLIVEIRA, 2014).

Conforme foi observado por Klein (1994), os esforços para fornecer dados exatos comparáveis resultam numa abordagem pseudocientífica, porque o funcionamento da mente inconsciente, e a resposta do psicanalista a ele, não podem ser medidos nem classificados em categorias rígidas. Em vez disso, Klein destaca que a função do analista é integrar o conhecimento teórico com sua experiência singular na interação com cada paciente. Deste modo, a análise das imagens selecionadas vem a adquirir um caráter focado na história individual da criança e nas manifestações das consequências do abandono por meio dos desenhos, conforme argumentado por Klein.

Referindo-se a primeira figura, o desenho do Batman denominado de “Coisas que gosto e coisas que não gosto” vem a ser introduzido a partir de uma narrativa exposta por Conceição (2017), através desse relato é possível observar que Batman veio de uma família violenta, sofreu espancamento, teve seus direitos violados, ausência de cuidados básicos além de ser privado de convívio social.

Figura 1: Coisas que gosto e coisas que não gosto.



Fonte: Conceição (2017, p. 55).

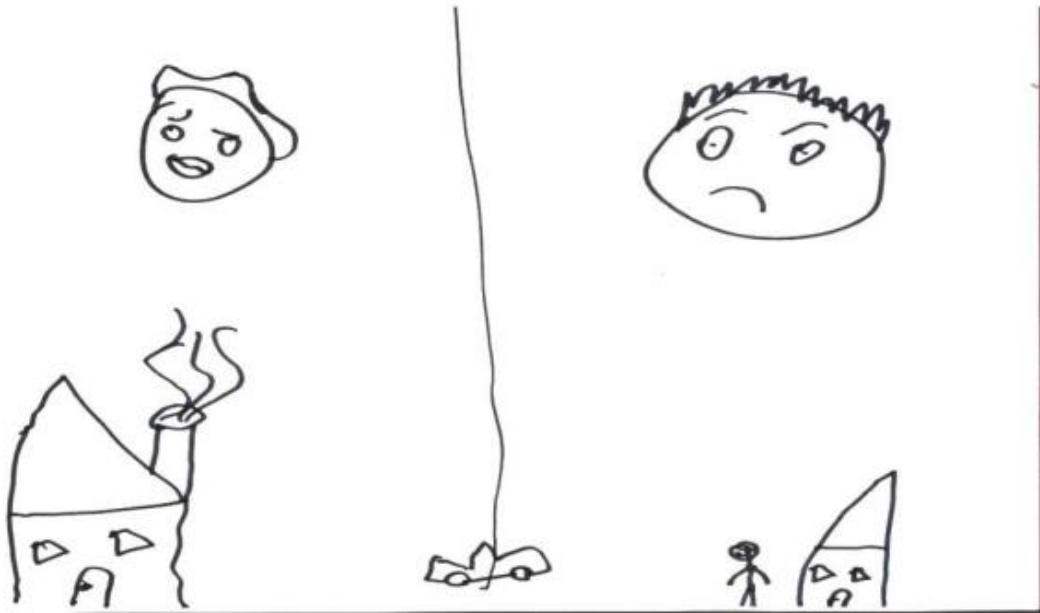
Na Figura 1, vários elementos são trazidos e merecem destaque acerca do que Klein (2017) afirma sobre a representação do inconsciente e alívio pela materialização do que é assustador e doloroso. A esse respeito, Batman reproduz a violência sofrida no ambiente familiar (criança sendo violentada pelos que deveriam protegê-la. Cada traço traz à tona expressões do seu “eu” mais profundo. De um lado os desenhos são de uma cabeça sem corpo, uma pessoa com arma na mão desferindo um tiro na perna de uma criança, uma criança sofrendo espancamento e uma faca sendo apontada para a criança. Do outro lado, a cabeça sem corpo também é representada, mas a proporção é

menor. Há crianças convivendo, parecendo dançar, andando de bicicleta, dirigindo-se a um possível lugar rural (desenho de porteira); também apresenta uma conversa de uma senhora com uma criança (a senhora fica numa postura de igualdade diante da criança) e por fim um outro desenho em que uma pessoa está cuidando do cabelo de alguém que está sentado.

Consoante com Klein (2017), o conteúdo das interpretações e o momento em que são feitas, variam de paciente para paciente, conforme o material apresentado e a situação emocional predominante. Cada interpretação deverá acompanhar o papel do superego, do Id e do ego, e isso significa que as várias partes da mente e suas funções são sistematicamente exploradas numa interpretação adequada. Ainda sobre a Figura 1, à esquerda, o dia a dia é representado com diversão, relacionamento saudável, mas ainda assim não é possível a visão de um ser completo, indicado pela cabeça sem corpo. À direita, a materialização dos traumas físicos e psíquicos no contexto da família violenta e opressora. Em outra perspectiva interpretativa, Jung afirma que, aproximar-se da sombra para torná-la consciente faz com que seus conteúdos percam a força gradualmente, não deixem de ser totalmente projetados, mas, à medida que podem ser reconhecidos, o conflito moral pode ser resolvido pelo eu como uma escolha ética. Esse confronto representa o primeiro embate em direção ao encontro conosco mesmo. Assim, suportar a sombra é trazer à tona nosso inconsciente pessoal, forçando o Eu a reconhecer sua inferioridade dentro da esfera psíquica.

Esta medida permite ao inconsciente o direito de fala, no qual ele pode se manifestar encaminhando para a consciência o desejo da parte interior da personalidade, que antes estava encoberto (PORTELA, 2013). Essa representação do desenho de Batman, tem consonância com a afirmativa junguiana quando elucida que se na luz da consciência estão as características comumente aceitas na sociedade, na obscuridade dos processos inconscientes habitam, então, os traços reprimidos, inadaptados e imorais. Em seguida, na Figura 2, o desenho de Batman, “o menino que voltou a morar com os pais”. Ao fazer o segundo desenho, a criança fez uma divisão de dois lados, evidenciando dois mundos com sentimentos polarizados. De um lado da folha é produzido um desenho que representa o abrigo, e um rosto de uma criança apática. E do outro lado, a casa da família com o desenho de um rosto de uma criança triste (CONCEIÇÃO, 2017).

Figura 2: o menino que voltou a morar com os pais.



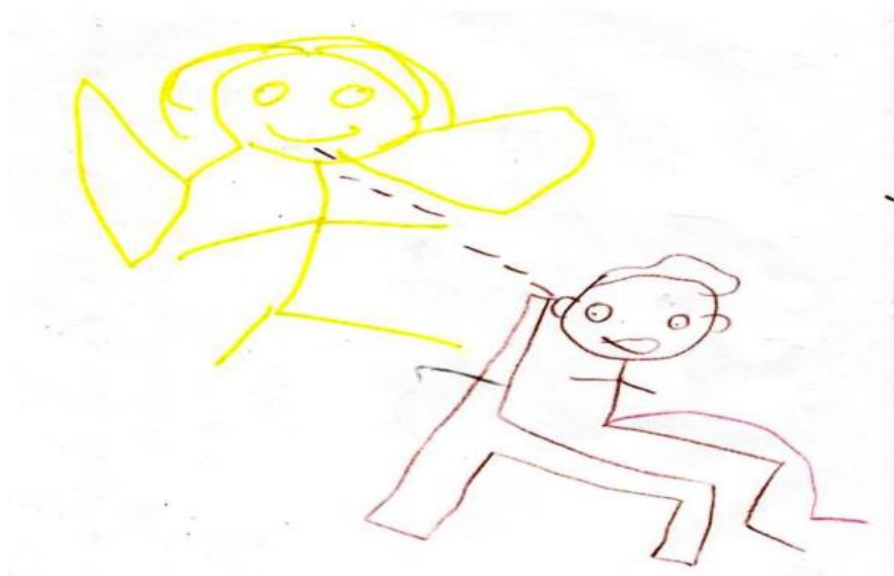
Fonte: Conceição (2017, p. 58).

Segundo Conceição 2017, foi possível analisar a ocorrência de um sentimento de alegria associados à presença no abrigo e sentimento de tristeza associado ao convívio familiar. Nas primeiras tentativas de análise de crianças, de acordo com Oliveira (2017) foi notado que o ego da criança era/é imaturo e o superego muito fraco para estabelecer um processo psicanalítico, portanto o analista deveria adotar o papel de guia para sustentar o ego e fortalecer o superego (KLEIN, 1994).

Segundo Klein 1994, o superego de uma criança é mais perseguidor e rude do que nas fases posteriores do desenvolvimento, e assim o papel do analista seria diminuir a severidade do superego, permitindo com isso que o ego se desenvolva mais livremente. Nas observações de Jung, os seres humanos, ao se depararem com as necessidades externas de adaptação, de proteção, de satisfação de suas necessidades básicas e de aceitação, recorrem a uma espécie de imitação do comportamento, possibilitando que se adequem às normas vigentes e desempenhando os papéis estabelecidos por seu meio social: [...] “Pode-se dizer que no máximo a persona formará um invólucro compacto envolvendo um lado do ego que se defronta com o mundo social [...]” (PORTELA, 2013).

O desenho de Batman “O menino que voltou a morar com os pais” tem íntima relação com o que Jung afirma sobre o embate entre o individual, a sociedade e as necessidades de uma individualização. O crescimento psicológico exige uma vertente ética e moral, pois, na medida em que o sujeito se vê obrigado a lidar com as desagradáveis formas com as quais o inconsciente se impõe a ele, ao mesmo tempo precisa estar no convívio coletivo e nas obrigações sociais. Ainda segundo Jung “[...]o processo de individualização tem dois aspectos fundamentais: por um lado, é um processo interior e subjetivo de integração, por outro, é um processo objetivo de relação com o outro, tão indispensável quanto o primeiro” (PORTELA, 2013, p. 65).

Figura 3: Falar com Deus



Fonte: Conceição, 2017, p.68

Na Figura 3, o desenho de Batman mostra que ele acredita em um futuro melhor. Segundo Conceição (2017), essa perspectiva da criança está atrelada ao componente religioso. Para ele o signo do Deus provedor que tem o poder de conceber através de suas orações o atendimento dos seus pedidos. A figura é intitulada “Falar com Deus” e nesta narração a criança revela a partir do desenho o desejo de reencontrar com o pai através de uma oração pedindo à Deus que interceda pelo encontro. Identifica-se que, para a criança, a religião é significada como elemento de transformação, e pode modificar e transformar a realidade. Ele acredita que a mudança em sua vida, para

distanciar-se do estado de sofrimento e violência, dar-se-á pela esfera religiosa, a partir da orientação nos preceitos aprendidos em sua passagem no abrigo, e práticas como rituais diários nas atividades evangelizadoras propostas pela unidade de acolhimento.

Portela (2013), diz que, segundo Jung, a existência de um comportamento religioso é inata no ser humano. Essa afirmativa se confirma através do desenho que Batman faz pelo divino sagrado, e é através dessa linguagem que se percebe as manifestações do inconsciente. Melanie Klein (1991) foi uma importante pensadora, contribuindo para o trabalho psicanalítico, haja vista ter demonstrado criteriosamente o interjogo de afetos, bem como ansiedades que estão relacionadas com as relações interpessoais e que constituem a realidade interna e externa. Logo, para ele, a realidade externa é complicada de ser percebida em sua objetividade, só podendo ser observada de modo instável, quando se consegue visualizar algo que ultrapassa as pessoas, que não é nosso, mas dos outros, haja vista que as pessoas projetam o seu mundo interior sobre o mundo exterior, lançando sombras sobre ele.

Esse entendimento de Klein que visa compreender os funcionamentos da psique humana e associados a acontecimentos traumáticos, quando o real afronta a criança que esteja passando por situações de violência e que a aterrorize, pois, Klein ainda trata dos mecanismos que estejam associados pelo psiquismo da criança ainda nos primeiros meses de vida, diante de angústias de aniquilação, ou experiências de violência desencadeadas do real e que favorecem certos comportamentos emocionais que são desorganizadores do ser no mundo. Tendo em vista esses modos de funcionamento, o que se vê é a cristalização destes, haja vista a violência ser uma prática corriqueira, o que produz nas vítimas o temor angustiante da repetição e presas a permanentes vigilâncias e apreensões. Dessa forma, o trauma passa a produzir uma necessidade de buscar segurança e proteção, como se observou no caso acima relatado em que a criança pede a Deus através da oração a benção Dele para que seu pai seja transformado, para que assim possam ter um futuro juntos. Contudo, a figura do pai agressor é confirmada no seu lugar de mau.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho teve-se a oportunidade de explorar a análise de desenhos de crianças em situação de abandono e seus reflexos, proporcionando uma

compreensão mais profunda dos aspectos psicológicos. Através dessa abordagem, pode-se observar as fantasias e imaginações da criança, revelando seus sentimentos, angústias e experiências tanto no ambiente familiar quanto em situação de acolhimento.

No decorrer da pesquisa, constata-se que os desenhos apresentam características peculiares, como a presença de traços e cores mais sombrios, falta de detalhes ou desenhos incompletos. Essas manifestações gráficas evidenciam o impacto negativo do abandono em seu desenvolvimento emocional e cognitivo, refletindo um estado de desamparo e tristeza. Além disso, observa-se que os desenhos também funcionam como uma forma de comunicação não verbal, permitindo que essas crianças expressem suas necessidades e vivências de forma simbólica. Ao analisar as figuras representadas, identificou-se temas recorrentes, como: a ausência de afeto no contexto familiar, representações de violência, medo, traumas físicos e psíquicos, entre outros aspectos relacionados à sua experiência de abandono.

Com base nos principais pressupostos apresentados que abordam sobre o inconsciente humano, evidencia-se o papel da linguagem pela representação simbólica que é capaz de contribuir para desvendar o universo subjetivo do indivíduo. Nesse sentido acrescenta-se que, tais possibilidades de tornar consciente os conteúdos de dor, sofrimento e de alegria, propicia uma melhor percepção de si, assim como uma provável ressignificação do eu. Destarte, é de fundamental importância que a Psicologia propicie à infância formas diversificadas para as representações das experiências humanas, pois, os conteúdos psíquicos quando não compreendidos, manifestos, podem provocar sérios danos à vida. Logo, promover um ambiente que represente um espaço acolhedor para tais expressões simbólicas daquilo que estava encoberto, é construir um sentido real para o existir. Nesse contexto, a intervenção psicológica se torna fundamental para auxiliar essas crianças a enfrentarem os desafios emocionais decorrentes do abandono.

Através de técnicas terapêuticas adequadas, é possível oferecer um espaço seguro para que elas possam expressar seus sentimentos e trabalhar suas dificuldades. Ressalta-se ainda a importância de políticas públicas efetivas e de investimentos na área da assistência social, a fim de prevenir e combater situações de abandono infantil. É fundamental que sejam criados programas de acolhimento e apoio às famílias em

situação de vulnerabilidade, visando à garantia dos direitos e ao bem-estar dessas crianças, porque, somente através de um trabalho conjunto, envolvendo profissionais da psicologia, assistência social, educação e saúde, dentre outros, será possível promover uma transformação efetiva na vida dessas crianças, oferecendo-lhes a oportunidade de um desenvolvimento saudável e de um futuro mais promissor. Em suma, é fundamental que crianças em situação de abandono tenham acompanhamento psicológico, e que esforços sejam direcionados para a prevenção e combate ao abandono infantil, visando um futuro mais justo e acolhedor para todas as crianças.

REFERÊNCIAS

BAIRROS, Jaqueline de et al. **Infância e adolescência: a importância da relação afetiva na formação e desenvolvimento emocional**. XVI MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - UNICRUZ. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2011>. Acesso em 21 fev.2023.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. SECRETARIA NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf>. Acesso em 21 fev. 2023.

CONCEIÇÃO, Bruno Ricardo Trindade. **AS SIGNIFICAÇÕES DE SI DAS CRIANÇAS ABRIGADAS: UM ESTUDO DE CASO COM CRIANÇAS QUE PASSARAM POR REINSERÇÃO FAMILIAR**. Universidade Federal, Salvador-BA, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/23977/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Bruno%20Ricardo%20Trindade%20Conceicao%20Vers%C3%A3o%20final.pdf> Dissertação Bruno Ricardo Trindade Conceicao Versão final (3).pdf.

DE OLIVEIRA, Adriana Aparecida Almeida; RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira; JUSTO, José Sterza. **Desamparo psíquico na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, n. x, p. c-c, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v13n1/a03.pdf> Acesso em:

FLORES, Vanda de Souza. **Traumas da infância e suas consequências nas várias etapas da existência humana. (natureza do trabalho)**. Instituição Salvador, Bahia, 2008. Disponível em: <https://grupoomega.org/grupoomega/artigos/TRAUMAS-DANINF%C3%82NCIA-E-SUAS-CONSEQU%C3%84NCIAS-NAS-V%C3%81RIAS-ETAPAS-DANEXIST%C3%84NCIA-HUMANANA.pdf>. Acesso em 12 mar. 2023. x pg.

GABATZ, Ruth Irmgard Bärtschi et al. **Formação e rompimento de vínculos entre cuidadores e crianças institucionalizadas**. Revista brasileira enfermagem. v.71 n. 6 p.2808-2816, 2018. Disponível em:

OS REFLEXOS DOS TRAUMAS EM CRIANÇAS ABANDONADAS NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE DESENHOS. Simone Cristina Silva SIMÕES; Glene Suellen Queiroz Saraiva NUNES; Leide Aguiar Araújo VANDERLEI; Lizandra Alves Bezerra da Silva CARVALHO. JNT -Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023.FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE SETEMBRO Ed. 45. VOL. 1. Págs. 467-483. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

<https://www.scielo.br/j/reben/a/RMyG78ZnTyFQcW94x9zPVmy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 fev. 2023.

GOMES, Nívea de Fátima. FRANÇA, Cassandra Pereira. **Ainda interpretamos crianças à maneira de melanie klein**. Estilos clin. vol.17 no.2 São Paulo dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000200008#:~:t=Passada%20a%20ojeriza%20do%20furor,analistas%20de%20diferentes%20correntes%20te%C3%B3ricas. Acesso em: 28 mai. 2023.

LINS, Samuel Lincoln Bezerra et al. **A compreensão da infância como construção sócio-histórica**. Revista CES psicologia. Julho-Dez, vol. 7 n. 2 pp. 126-137, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/cesp/v7n2/v7n2a10.pdf>. Acesso em 21 fev. 2023.

MÜLLER, Fernanda. HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **A infância pesquisada. Psicologia USP**. São Paulo, julho/setembro, vol. 20 n.3, pp. 465-480, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/7GwJ7wsWFRB68NK3npKmZDt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 fev. 2023.

NEVES, Flávio José de Lima. **A psicanálise kleiniana**. Reverso, v. 29 n.54, Belo Horizonte, Set. 2007. Disponível em: A psicanálise Kleiniana (bvsalud.org). Acesso em: 02 ago. 2023.

PORTELA, Bruno de Oliveira Silva. **A cura d'alma na psicologia de Carl Gustav Jung**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1031/1/brunodeoliveirasilvaportela.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2023.

PSICANÁLISE CLÍNICA. **Teoria junguiana: tudo que você precisa saber**. 2019. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/teoria-junguiana/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

ROSAS, Fabiane Klazura. CIONEK, Maria Inês Gonçalves Dias. **O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem**. Conhecimento interativo. São José dos Pinhais, PR. v. 2, n. 1, pp. 10-15, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://www.mprs.mp.br/media/areas/infancia/arquivos/impacto.pdf>. Acesso em 21 fev. 2023.

ZAVARONI, Dione de Medeiros Lula. VIANA, Terezinha Camargo. **Trauma e Infância: Considerações sobre a Vivência de Situações Potencialmente Traumáticas. Psicologia: teoria e pesquisa**. Jul-Set, vol. 31 n. 3, pp. 331-338, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ZSxxb85nzh4spnyZbQsGY7D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 fev. 2023.

OS REFLEXOS DOS TRAUMAS EM CRIANÇAS ABANDONADAS NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE DESENHOS. Simone Cristina Silva SIMÕES; Glene Suellen Queiroz Saraiva NUNES; Leide Aguiar Araújo VANDERLEI; Lizandra Alves Bezerra da Silva CARVALHO. JNT -Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023.FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE SETEMBRO Ed. 45. VOL. 1. Págs. 467-483. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.